

# AS MARCAS DE INTERPESSOALIDADE EM UMA COLUNA DE OPINIÃO POLÍTICA

Sara Regina Scotta Cabral<sup>1</sup>

*ABSTRACT: Studies in Systemic Functional Linguistics have been revealing a wide range of possibilities to investigate textual genres. This article aims to analyze the interpersonal metafunction of a text published in Folha de São Paulo, written by Eliane Cantanhêde in 2003. The text was decomposed into paragraphs and sentences, which were distributed into Mood and Residue. We observed the modal adjuncts and some metadiscursive operators, which contribute to reinforce interpersonal metafunction. The results point to the construction of an ethos sure of its opinion, in which declarative clauses are more usual than exclamative ones. Intensifiers and evaluatives in Residue were used by the columnist to express judgment on the facts in question. The polarity of the Mood appeared to be positive and few metaphors were used. Few commands and exclamations, as well as a few points of view in the first person, are present in the texts.*

*KEYWORDS: discursive practice, systemic functional grammar, interpersonal metafunction, metadiscourse*

## 1. INTRODUÇÃO

Os estudos da linguagem na abordagem sistêmico-funcional buscam entender o homem e o uso que ele faz da linguagem como prática social, uma vez que os textos que permeiam a sociedade carregam peculiaridades quanto à construção, à intencionalidade e aos efeitos desejados nos momentos de produção e recepção. Grande diversidade de gêneros e mesmo emergência de novos têm sido observados, especialmente na mídia escrita. Como exemplos, observem-se os estudos realizados, a respeito desse tema, por Forktamp e Tomitch (2000), Dionísio, Machado e Bezerra (2002) e Meurer e Motta-Roth (2002).

---

<sup>1</sup> Professora do curso de Letras da Ulbra, campus de Cachoeira do Sul. E-mail: [sarascotta@yahoo.com.br](mailto:sarascotta@yahoo.com.br)

A cada dia, em vista das grandes mudanças no cenário político brasileiro, avulta o número de apreciadores/leitores das colunas de opinião, especialmente aquelas que se ocupam em analisar os fatos que fazem parte de importantes decisões tomadas em nível nacional e regional. Os jornais brasileiros contam com articulistas políticos importantes: Dora Kramer (Jornal do Brasil), Suely Caldas, Arnaldo Jabor (O Estado de São Paulo), Eliane Cantanhêde, Hélio Schwartzman, Alcino Leite Neto, Antônio Carlos de Faria, Clóvis Rossi, Kennedy Alencar, Gilberto Dimenstein (Folha de São Paulo), Elio Gaspari, Fernando Henrique Cardoso, Helena Chagas, Jorge Bastos Moreno, Teresa Crunivel (O Globo), Antônio Machado (Correio Braziliense) e Rosane de Oliveira (Zero Hora).

Nessa perspectiva, algumas questões impõem-se:

- Como alguns colunistas políticos estabelecem relações interpessoais com seus leitores nos jornais brasileiros?

- Que recursos discursivos e metadiscursivos os autores utilizam, em suas colunas, para manifestar seu *ethos*?

Tendo em vista responder a essas indagações, este artigo pretende analisar os recursos utilizados por uma articulista para construir a função interpessoal em uma coluna de opinião política.

## **2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 ETHOS E DISCURSO**

Os estudos de Análise Crítica do Discurso (ACD) preconizados por Fairclough (2001, p. 91) propõem distinguir três aspectos dos efeitos construtivos do discurso: (i) a construção das identidades sociais: (ii) a construção das relações entre as pessoas e (iii) a construção de sistemas de conhecimentos e crenças. Tais efeitos são possíveis se vistos na perspectiva das práticas discursivas vigentes na sociedade. Segundo o mesmo autor, *prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais,*

*sistemas de conhecimentos e crença) como é, mas também contribui para transformá-la.* (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92)

Sendo a prática discursiva uma forma particular de prática social, podem os diversos gêneros textuais espelhar, além do processo de composição dos textos, outros sentidos como a relação de poder, a ideologia e os efeitos sobre as estruturas sociais. É o *ethos* do locutor que faz com que ele deixe pistas lingüísticas na camada textual.

*Ethos* é, para Fairclough (idem), o conjunto de características que compõem o eu, ou a identidade social de alguém. Sabe-se que o *ethos* envolve não apenas o discurso, mas também outras categorias, como o corpo. Especialmente no discurso, manifesta-se através de índices atitudinais, modalizadores e marcadores de validade.

## 2.2 GÊNERO DISCURSIVO-TEXTUAL

Bakhtin (1997, p. 279) afirma que *a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade human*”. Esses enunciados estão carregados de indicadores das condições de produção, das características dos participantes e dos objetivos comunicativos do emissor. Daí a presença de recursos lexicais, fraseológicos, gramaticais e de construção das proposições. Para o mesmo autor, *cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.*

Os gêneros *constituem processos e ações sociais específicos e, portanto, práticas sociais específica* (MEURER, 2000, p. 151). Na concepção de Swales (1990, p. 58), *constituem classes de eventos comunicativos que envolvem membros que têm os mesmos propósitos.*

Discurso é *o conjunto de afirmações que, articuladas através da linguagem, expressam os valores e significados das diferentes instituições* (MEURER, 1997, p. 16). Sendo um conjunto de princípios que necessitam apoiar-se na materialidade, difere do texto, que *é a realização lingüística na qual se manifesta o discurso* (idem). O discurso “organiza” o texto e faz com

que este último adquira características próprias, revestido de ideologias, propósitos e maneiras de lidar com a realidade.

Dentre os vários gêneros midiáticos, encontra-se a coluna de opinião. Rystrom (1993, p. 241) a define como *artigo interpretativo ou analítico que pode revelar o ponto de vista do escritor, embora seu primeiro propósito seja dar aos leitores informações e previsões, e talvez levantar questões*. Para o mesmo autor, esses artigos classificam-se em escritos que expressam desde a opinião pessoal até a discordância em relação a editoriais de jornais.

Uma vez que, segundo Bakhtin (1997), os enunciados carregam em si as características dos participantes e dos objetivos comunicativos do emissor, a análise da metafunção interpessoal pode contribuir para revelar o *ethos* do autor e do interlocutor.

### 2.3 A METAFUNÇÃO INTERPESSOAL

Segundo Halliday, o homem constrói a realidade através de processos semióticos diversos, dos quais o principal é a linguagem. Assim, linguagem, para este autor (1985, p. v), é um aspecto e um recurso de fundamental importância na construção da experiência humana. Essa visão construtiva da realidade

*assume que o uso da linguagem não somente espelha a estrutura social, mas também a constrói e a mantém: assim, sempre que alguém se “apropria” da linguagem ao dirigir-se a um outro socialmente superior, ambos os participantes estão mostrando a condição de seu status e simultaneamente reforçando o sistema social hierárquico (THOMPSON & COLLINS, 2001, p. 137).*

Função, para o mesmo autor (1985, p.17), é sinônimo de uso, mas, acima de tudo, é a propriedade fundamental da linguagem. Nessa perspectiva, considera três as funções da linguagem: ideacional ou de representação; interpessoal ou de troca e textual ou de mensagem.

Cada uma das três variáveis (campo, relação e modo) constitui a configuração contextual (HASAN, 1985, p. 55-59). O campo está diretamente vinculado à metafunção ideacional, ou seja, a conhecimentos e crenças que fazem parte da experiência humana; a relação é responsável pela metafunção

interpessoal, que demonstra a interação entre os participantes no ato comunicativo, mantendo os papéis sociais, e o modo evidencia a metafunção textual, que é identificada através do canal de comunicação, da coesão e da coerência textuais.

As funções hallidayanas são citadas por Fairclough (2001) quando, ao referir-se aos efeitos construtivos do discurso (identidade social, prática discursiva e prática social), afirma que esses estão diretamente ligados à metafunção interpessoal e à metafunção ideacional.

### 2.3.1 O Modo

*O sistema de MODO pertence à metafunção interpessoal da linguagem e é o recurso gramatical para se realizar movimentos interativos no diálogo* (MARTIN, MATHIESSEN & PAINTER, 1997). Na interação, o falante exerce papéis que são mediados através da linguagem – ele pode simplesmente declarar ou perguntar, através de questões abertas ou fechadas, ou mesmo solicitar/oferecer serviços e bens ou informações. Halliday (1994) usa para esses casos o termo *commodity*, a fim de designar o que está sendo tratado entre emissor/receptor. Enquanto bens e serviços possam existir independentemente da linguagem, dar ou pedir informações só pode ser realizado através de trocas simbólicas.

A fim de que se compreenda semanticamente a negociação através da linguagem, Halliday (1994) sugere que sejam analisados dois pontos: (i) o papel exercido pelos actantes envolvidos no processo, e (ii) a natureza da troca (*commodity*) que está sendo feita (informações, bens ou serviços). Esses dois elementos podem derivar quatro categorias funcionais de linguagem: declaração, pergunta, oferta e comando.

Declaração e pergunta constituem proposições, ofertas e comandos caracterizam propostas, todas expressas por opções gramaticais de MODO. As proposições, por serem essencialmente linguísticas, são passíveis de respostas do interlocutor como afirmar, negar, duvidar, contradizer, insistir, aceitar com reservas, qualificar, misturar, retornar o que foi dito, etc. (HALLIDAY, 1994, p. 70). Para ofertas e comandos, a língua não desenvolve

normalmente recursos especiais, porque nessas situações funciona objetivamente com o fito de atingir efeitos não linguísticos.

Alternativamente, as categorias funcionais da linguagem podem ser construídas através de metáforas interpessoais. Tomam-se, como exemplo, as diversas estratégias de polidez utilizadas nos eventos comunicativos diários. A oração “Você poderia fechar a janela?” é uma forma polida, metafórica, da oração imperativa “Feche a janela”.

O MODO pode ser analisado a partir da constituição da oração, vista como troca na metafunção interpessoal. Em orações declarativas, têm-se duas partes constitutivas da sentença: o Modo e o Resíduo. O Modo é constituído de Sujeito seguido de Finito; já o Resíduo abrange o verbo, os complementos verbais e o restante dos elementos da oração. Nas orações declarativas negativas, em português, o Modo é constituído pelo Sujeito seguido de negação, e o Resíduo, pelo restante da oração.

Halliday (1994) atribui à oração uma estrutura de metafunção interpessoal em duas etapas. Primeiramente, ele identifica a organização global da cláusulaoração em Modo + Resíduo. Numa segunda etapa, propõe a identificação dos elementos funcionais do Modo e dos elementos funcionais do Resíduo.

### 2.3.2 Estrutura do elemento Modo

O elemento Modo está constituído, na oração, por Sujeito + Auxiliar (Finito + Adjuntos Modais). O Sujeito geralmente é constituído de um grupo nominal. O Finito pode estar representado, em português, por um verbo auxiliar, por verbos modalizadores e pela palavra de negação. Como a língua portuguesa tem uma estrutura diferente da língua inglesa, nem sempre o verbo auxiliar está presente. É o caso dos tempos simples do indicativo e do subjuntivo, para os quais o morfema flexional, anexado ao próprio verbo, indica o tempo verbal.

### 2.3.3 Polaridade e modalidade

O elemento Modo também se manifesta, em português, através dos recursos interpessoais de polaridade e de modalidade.

A polaridade verifica-se em respostas a perguntas do tipo sim/não. Quanto à modalidade, Halliday (1994) aponta para quatro tipos: probabilidade, usualidade, obrigação e prontidão. As duas primeiras são adequadas a proposições (declarações e perguntas), constituindo o que o autor denomina modalização; já as duas últimas, mais adequadas a propostas (ofertas e comandos), denomina-as modulação.

#### 2.3.4 O Sujeito e o Resíduo

O Sujeito, para Halliday, exerce uma função interpessoal, não textual nem ideacional. Assim procede por aproximá-lo da característica dialogal das orações, e não monologal, como parecem ser. É o Sujeito quem carrega a responsabilidade modal da oração. Vale esclarecer o Sujeito gramatical faz parte do Modo (o sujeito com o qual o verbo da cláusula concorda). Pode ser construído através de grupos nominais, pronomes pessoais, demonstrativos, indefinidos e mesmo por orações inteiras, em casos de encaixamento.

O Resíduo é um elemento funcional que pode ser constituído de três partes: Predicador (sempre necessário, embora às vezes elíptico), Complementos e Adjuntos. A ordem típica do Resíduo é Predicador ^Complemento(s)^Adjunto(s).

O Predicador consiste no verbo ou em um grupo verbal, desprovidos de auxiliares. Tem quatro funções: (i) especifica o tempo verbal fora da referência de tempo do evento comunicativo; (ii) especifica outros aspectos como semelhança, tentativa, esperança; (iii) especifica a voz, se ativa ou passiva e (iv) especifica o processo predicado do Sujeito.

Os Complementos são os elementos do Resíduo que têm, potencialmente, a possibilidade de se tornarem Sujeitos, mas não o são. São construídos geralmente com grupos nominais que completam o sentido do verbo da oração. Já os Adjuntos são os elementos que não gozam da possibilidade de se tornarem sujeitos, uma vez que geralmente são constituídos por grupos adverbiais ou locuções preposicionais.

A categoria dos Adjuntos abrange dois tipos especiais de Adjuntos Modais que podem ocorrer no Resíduo: os Adjuntos do grupo do (a) Modo e os do grupo do (b) Comentário. (HALLIDAY, 1994, p. 81-84). O grupo pertencente ao Modo refere as noções de polaridade, modalidade, temporalidade e modo. Tende a ocorrer, na oração, ou perto do Finito ou em posição temática, embora também ocorra no final da oração. São Adjuntos de polaridade e modalidade:

- (i) polaridade: não, sim, assim;
- (ii) probabilidade: provavelmente, possivelmente, certamente, talvez;
- (iii) usualidade: usualmente, às vezes, sempre, nunca, raramente;
- (iv) prontidão: absolutamente, possivelmente, a todo custo, por todos os meios, prontamente.

São Adjuntos de modo:

- (i) obviedade: naturalmente, certamente, claramente;
- (ii) intensidade: assim, simplesmente, meramente, somente, mesmo, atualmente, realmente, de fato;
- (iii) grau: quase, dificilmente, absolutamente, totalmente, completamente.

Já os Adjuntos do grupo Comentário expressam a atitude do falante diante da proposição como um todo. Ocorrem em pontos significantes da oração, geralmente no início, em posição temática, ou em fronteiras entre Tema-Rema, Resíduo-Modo. Não se exclui a possibilidade de aparecer no final da oração; mesmo assim, não perde o caráter opinativo que carrega em si. Podem apresentar-se com as seguintes significações:

- (i) aposição: isto é, em outras palavras, por exemplo;
- (ii) correção: precisamente, mais propriamente, preferivelmente, de qualquer forma
- (iii) dismissão: em qualquer caso, de qualquer forma, deixando de lado;
- (iv) sumarização: brevemente, em resumo, em conclusão;
- (v) verificação: de fato, realmente;
- (vi) adição: também, em adição, além de;
- (vii) adversidade: por outro lado, entretanto, inversamente;
- (viii) variação: em lugar de, alternativamente;



- (ix) temporalidade: nesse meio tempo, antes que, mais tarde que, próximo, logo, finalmente;
- (x) comparação: como, do mesmo modo;
- (xi) causalidade: assim, por essa razão, como resultado;
- (xii) condição: neste caso, em vista das circunstâncias;
- (xiii) respeito: a esse respeito, como o exposto.

### 2.3.5 Outras particularidades do Modo

É comum a ocorrência do Vocativo nas orações vistas como mensagem. Entretanto, o Vocativo não faz parte nem do Modo nem do Resíduo. Pode ocupar as mais diversas posições na oração e é mais frequente nas imperativas e interrogativas.

O elemento QU é bastante frequente nas orações tratadas como mensagem. Normalmente exerce as funções de Sujeito, Complemento ou Adjunto. Fazendo o papel do Sujeito, passa a ser parte do Modo; exercendo o papel de Complemento ou Adjunto, localiza-se no Resíduo. Na verdade, o elemento QU- terá sempre a função do elemento a ele equivalente.

As orações exclamativas com o elemento QU-, em grupos nominais ou adverbiais, combinam o elemento QU ou com o Complemento ou com o Adjunto.

Por sua vez, as orações imperativas jussivas (de comando) apresentam um sistema diferente de pessoa: geralmente a segunda ou a terceira pessoas, mas nunca a primeira. As orações imperativas afirmativas não apresentam o elemento Modo nem o Finito. Há apenas Resíduo. Já o imperativo negativo, apresenta o Finito e a negativa como elemento Modo.

As imperativas optativas, quando em terceira pessoa, apresentam Sujeito, mas não o operador verbal Finito.

### 2.3.6 Metáforas interpessoais

A metáfora gramatical, para Halliday (1994, p. 341-343), consiste em uma variação de uma expressão que possua algum significado conhecido. As palavras ou expressões que mantêm sua configuração semântica usual são

denominadas congruentes. Aquelas que adquirem sentido vário, ou “transferido”, são denominadas metafóricas. Assim, em lugar de ‘Apague a luz’ (congruente), pode-se dizer “É possível apagar a luz?” (metafórico). A escolha pela metáfora, por parte do locutor, implica a seleção de determinados traços semânticos, escolhidos por esse locutor.

*Os modos metafóricos de expressão são característicos de todo discurso dos adultos* (HALLIDAY, p. 342). Os diversos registros da fala do adulto revelam a grande variedade de escolhas metafóricas feitas na elaboração das falas/textos. As metáforas podem realizar-se tendo em vista dois tipos: as metáforas de modo (denominadas interpessoais) e as metáforas de transitividade (denominadas ideacionais)

As metáforas interpessoais podem realizar-se quanto à modalidade ou quanto ao modo. Metáforas de modalidade baseiam-se na relação semântica de projeção (oração hipotática). É a opinião do falante, apresentada através da modalidade. As metáforas mais comuns são as de probabilidade e apresentam-se conforme as seguintes categorias:

- (i) Metáfora subjetiva: explícita (“Eu penso”, “Eu estou certo”) e implícita (“Ela deve saber”);
- (ii) Metáfora objetiva: explícita (“É certo”, “É provável”) e implícita (“provavelmente”, “certamente”).

### 2.3.7 Valores de modalidade

Quanto aos valores, a modalidade pode situar-se em grau baixo, médio e alto de julgamento, sempre tendo-se em vista a polaridade sim/não (polo positivo e polo negativo). São formas objetivas implícitas que podem ser categorizadas. Os três valores da modalidade assim se distribuem: (i) grau alto: “certamente”, “sempre”, “necessário”; (ii) grau médio: “provável”, “usualmente”, “suposto” e (iii) grau baixo: “possível”, “às vezes”, “permitido”.

### 2.3.8 O metadiscurso

A metafunção interpessoal também se realiza através do uso do metadiscurso. O metadiscurso, definido como comentários escritos do autor de

um texto, é usado com diferentes propósitos (CRISMORE, 1989, p. 46): *informar, persuadir, expressar ou mesmo com propósitos múltiplos: informar e persuadir, expressar e persuadir, ou informar e expressar – sempre com propósitos retóricos.*

Vande Kopple (1985) e Crismore (1989) apresentam duas categorias principais de metadiscurso: (i) o metadiscurso textual ou informacional e (ii) o metadiscurso interpessoal ou atitudinal. Enquanto o metadiscurso textual dá conta da metafunção ideacional da linguagem, o metadiscurso interpessoal sinaliza, implícita ou explicitamente, a atitude do autor diante da importância ou saliência de certos pontos do discurso.

Vande Kopple (1985) estabelece uma tipologia em que o metadiscurso interpessoal é constituído de marcadores ilocucionais (eu hipotetizo, eu prometo, eu reafirmo, por exemplo), marcadores de validade (talvez, pode, deve, claramente, indubitavelmente, sem dúvida, de acordo com), narradores (X anunciou que, o chefe informou que), marcadores de atitude (surpreendentemente, é alarmante que, é interessante que) e comentadores (você poderá querer ler este texto novamente, você provavelmente encontrará dificuldade no material extratextual, meus amigos e outras formas de vocativo).

Por sua vez, Crismore (1989) cria uma tipologia semelhante, embora com pequenas diferenças. São índices de metadiscurso atitudinal: salientadores (ainda mais importante, mais fundamental), enfatizadores (é claro, logicamente, sem dúvida), modalizadores (talvez, possivelmente) e avaliadores (infelizmente, curiosamente).

O metadiscurso pode ainda reportar ao ponto de vista: de primeira, de segunda e de terceira pessoas. Essa variável estilística pode dirigir o foco para o autor/narrador (primeira pessoa), para o leitor (segunda pessoa), para o autor e para o leitor (primeira e segunda pessoas) ou para o texto (terceira pessoa). O número e a qualidade do metadiscurso e dos pronomes utilizados *podem ser vistos como um índice de ethos, de personalidade do autor, e da relação entre autor e leitor* (CRISMORE, 1989, p. 159).

A solidariedade do autor para com o leitor manifesta-se pelo uso do pronome “nós” e pelo emprego de jargões, clichês, símiles, analogias, humor e perguntas e respostas hipotéticas dos leitores inseridas nos textos do locutor. Já a superioridade resulta do uso de perguntas retóricas, advérbios de certeza,

juízos de valor, verbos modais e quantificadores universais (“todo”, “nenhum”, “somente”). A igualdade se manifesta pelo uso de modalizadores de nível médio e de intensificadores, por referência à performance do autor ou do leitor e por comentários parentéticos (CRISMORE, 1989).

### 3.METODOLOGIA

Com o objetivo de analisar a metafunção interpessoal, foi escolhida uma coluna de opinião política escrita por Eliane Cantanhêde em 1º de janeiro de 2003, cujo tema é o comentário sobre as solenidades de posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva nessa mesma data.

Inicialmente foi determinada a configuração contextual do texto. Após foi feita a decomposição em parágrafos e em sentenças, as quais foram distribuídas conforme os elementos Modo e Resíduo. Os parágrafos receberam numerais romanos e as sentenças numerais arábicos, o que será frequentemente reportado, entre parênteses, na análise da coluna selecionada. Nessa fase, as marcas de interpessoalidade e os marcadores de metadiscurso foram destacados em itálico, a fim de facilitar a leitura.

Posteriormente, analisaram-se os seguintes aspectos na construção das sentenças:

- a. o ponto de vista utilizado pela autora;
- b. os tipos de modalidade (modalização e modulação);
- c. a polaridade e os valores da modalidade;
- d. os Adjuntos Modais;
- e. os avaliativos;
- f. outras marcas de metadiscurso;
- g. o *ethos* tanto da colunista quanto do interlocutor.

Os pressupostos teóricos utilizados para análise foram, além de Fairclough (2001), Halliday (1994), Vande Kopple (1985) e Crismore (1989).

### 4.ANÁLISE DO CORPUS

O texto “Para torcer e cobrar” foi publicado na Folha de São Paulo no dia 1º de janeiro de 2003, dia da posse do novo presidente da República do Brasil.

Através da coluna, a autora Eliane Cantanhêde dá a Luiz Inácio Lula da Silva (daqui para frente abreviado LILS) e a seus assessores as boas-vindas, desejando-lhes sucesso no governo.

P.	C.	Sujeito	Finito	Mod.	Resíduo
		Modo			
I	1	LILS	pres.	-	É
	2	(LILS)	gerúndio	-	abrindo gigantesca...grandes...principalmente
II	3	A torcida	pres.	-	é grande
	4	os desafios	(pres.)	-	(são) maiores ainda
	5	O ministro	(pret.)	-	Disse
	6		pres.	-	Há
	7	o quadro de distribuição de renda	pres.	-	Permanece
-	-	-	-	-	Uma tragédia! <sup>2</sup>
III	8	(-)	infinitivo	-	Mudar
	9	muito mais	pres.	-	É preciso...ou mesmo qualquer outro...direto
	10	Iniciativas	pres.	-	são importantes
	11	(iniciativas)	pres.	Até	são importantíssimas
	12	quem	pres.	-	Passa
	13	(quem)	pres.	Não	tem o mínimo
	14	(quem)	infinitivo	-	Viver
	15	(iniciativas)	pres.	-	são apenas emergenciais
	16	(iniciativas)	pres.	Não	Mudam
	17	isso	pres.	Não	é só importante
	18	(isso)	pres.	-	é fundamental.
IV	19	(se)	conseguir	-	mudar a dramática e vergonhosa
	20	investir ao máximo na	pres.	-	é preciso

<sup>2</sup> As exclamações, os chamamentos e as saudações constituem o que Halliday (1994, p. 63) denomina *minor clauses*, ou seja, orações menores, que não tem processos envolvidos na sua construção. Aqui a oração 'Uma tragédia' não possui tem Modo nem Resíduo.

		política econômica			
	2 1	(se)	infinitivo	-	investir ao máximo na política econômica
	2 2	(isso)	pres.	-	retomar...
	2 3	(isso)	pres.	enfim	é garantir
	2 4	as indústrias	subj.pres	-	Funcionem
	2 5	as exportações	subj.pres	-	Cresçam
	2 6	os empregos	subj.pres	-	Apareçam
	2 7	o tão pujante potencial	comece	-	a andar
	2 8	(o tão pujante potencial)	volte	-	a andar
V	2 9	A conjuntura internacional	pres.	Não	Ajuda
	3 0	os EUA	pres.		vi-não-vai
	3 1	a guerra do Iraque	gerúndio	-	se anunciando
	3 2	a região	(ger.)	-	(estando) toda em crise
	3 3	(isso)	(infinitivo)	-	a começar...
	3 4	(isso)	(infinitivo)	Sem	falar...
VI	3 5	Pallocci	(pret.)	-	desdenhou esses exemplos de crise
	3 6	(Pallocci)	(pret.)	-	se fixou em exemplos de sucesso
	3 7	que	pret.	-	reverteu...também dramático de má distribuição
	3 8	que	pres.	-	chegam a índices invejáveis...
VI I	3 9	eu	pres.	Não	Sei
	4 0	a comparação	pres.	-	é boa.
	4 1	eles	pres.	-	estão bem mais longe

	-	-	-	-	- cá para nós <sup>3</sup>
	4 2	nosotros	pres.	-	Estamos
	4 3	um parâmetro	pres.	pelo meno s	fica...
	4 4	isso	pret.	-	Foi
	4 5	Pallocci	pret.	-	Prometeu
	4 6	isso	pres.	-	É
	4 7	isso	cabe	-	Cobrar
	-	-	-	-	- Redistribuição de renda já <sup>4</sup>
	-	-	-	-	- E crescimento de 8% ao ano o mais rápido possível <sup>5</sup>
	4 8	(eu)	(pres.)		(envio) ...votos calorosos ... especialmente o Brasil.

O campo a que se refere o texto indica uma análise que a autora faz em relação ao contexto nacional e internacional em que o novo governo assume. Ao mesmo tempo, deseja votos de boas-vindas aos novos dirigentes da nação. O texto, inicialmente endereçado aos leitores possíveis de sua coluna, termina dirigindo-se diretamente ao presidente e aos ministros.

Quanto à variável modo, a amostra está organizada em oito parágrafos, tendo como Temas tópico 'LILS', 'a torcida', 'o quadro', 'Iniciativas', 'A conjuntura internacional', dentre outros. São frequentes os Temas marcados: 'abrindo', 'como disse', 'Para mudar', 'é preciso', 'para conseguir' e outros.

Quanto à variável relação, afirma-se que a linguagem é constitutiva desse evento comunicativo, pois ela é a via principal através da qual a comunicação acontece entre o autor e interlocutores. A relação hierárquica que se estabelece no texto é de distanciamento, uma vez que não é possível, no mesmo evento, reverter o turno. Isso só poderia ser feito através de outras estratégias, tais como envio de cartas do leitor, comentários em rádio e televisão, de e-mail enviados à colunista ou à editoria do jornal.

<sup>3</sup> Cláusula menor. Vide nota de rodapé nº 1.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Idem.

Pode-se afirmar o que segue em relação à metafunção interpessoal no texto:

a) O texto procura ser impessoal através do uso intenso de 3ª pessoa. Apenas em 6 passagens apresenta características de interpessoalidade (CRISMORE, 1989). Das 48 orações, somente 3 são construídas na primeira pessoa (33, 42,48). A solidariedade (1989, p. 126) é obtida através dos pronomes *eu*, *nosotros* e 4 orações menores.

b) No elemento Modo, há somente 2 passagens em que ocorre modalização: *enfim* (23) e *pelo menos* (43), indicando respectivamente temporalidade e gradação. No restante, quando a modalização acontece, está presente no Resíduo (9, 17, 20 e nas duas últimas orações menores).

O texto é quase todo construído com verbos no tempo presente do indicativo (e alguns do subjuntivo), o que indica, além da atualidade do tema, a certeza da autora com relação ao que diz. Poucas são as ocorrências de pretérito, ao lado de alguns infinitivos e alguns gerúndios.

c) Somente 6 orações são negativas dentre as 48 utilizadas. A autora centra seu texto em um polo positivo, ou seja, tem uma atitude de autoridade em relação ao que diz.

No Resíduo, os valores de modalidade, no que se refere à modalização, situam-se em uma escala de nível baixo (HALLIDAY, 1994, p. 357): *conseguir* (19), *comece* (27), *volte* (28), *cabe* (47). Duas metáforas (9 e 20) de modulação (*é possível*) são utilizadas, situando-se no grau máximo de obrigação e demonstrando o tom autoritário da colunista.

d) Alguns Adjuntos Modais utilizados pela autora são: *ainda* (4), *mesmo* (9), *até* (11), *só* (17), *ao máximo* (21), *bem mais* (41), *o mais ... possível* e *especialmente* nas duas últimas orações menores, comportando as noções de intensidade, grau, possibilidade e tipicidade.

e) Chama a atenção a grande frequência de avaliativos (CRISMORE, 1989) utilizados quase maciçamente no Resíduo, constituindo-se essa sua principal marca (em 17 orações). A maioria dos avaliativos refere-se ao campo semântico da importância do novo governo: *gigantesca*, *grande*, *maiores*, *importantes*, *importantíssimas*, *fundamental*, *dramática*, *invejáveis*. A escolha desse campo semântico e de sua localização no Resíduo justificam-se pela



intenção que a autora tem em afirmar, com convicção, que o novo governo tem tarefas imensas e fundamentais para realizar a partir de 1º de janeiro de 2003.

f) Mesclados ao texto aparecem quatro orações menores: *Uma tragédia, cá para nós, Redistribuição de renda já!* e *E crescimento de 8% ao ano o mais rápido possível!*. A primeira exerce a função de avaliar fatos, a segunda é um índice de domínio e a terceira e a quarta são ordens dadas pela colunista, exigindo melhorias para o país.

g) O *ethos* construído pela autora é o de alguém que, de posse de informações e ciente de suas idéias, expressa ao leitor sua firme opinião. Ao mesmo tempo, qualifica com adjetivos intensificadores e com exclamações avaliativas todos os desafios que o governo Lula irá enfrentar – uma árdua tarefa em um Brasil a reconstruir. Deixa entrever, no parágrafo final, seu ardente desejo de que tudo dê certo para o novo governo. Nesse momento, toma uma atitude de cordialidade, comum às pessoas educadas que vão a festas e costumam parabenizar os homenageados.

Quanto ao interlocutor, Eliane Cantanhêde o constrói como alguém que ouve as suas opiniões (mesmo autoritárias). Ao mesmo tempo, procura formas de aproximação (interpessoalidade) desse leitor, através do uso de avaliativos, das orações menores e de sinais de exclamação.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo analisar as marcas de metafunção interpessoal presentes em uma coluna de opinião política publicada na Folha de São Paulo.

Após a análise dos resultados, percebeu-se que os recursos discursivos utilizados pela autora para manifestar seu *ethos* são: uso do ponto de vista de terceira pessoa, maior uso de modalizações que de modulações, polaridade positiva com valores de modalidade baixos, uso de Adjuntos Modais mais no Resíduo que no elemento Modo e grande número de avaliativos. Também há o uso de orações menores e de algumas metáforas de modalização. Já os recursos metadiscursivos manifestam-se através de alguns índices atitudinais (CRISMORE, 1989).

Observe-se que a análise da metafunção interpessoal não se esgota neste artigo. Inúmeras outras investigações podem ser feitas, de modo a compreender como um autor se constrói e como ele constrói o seu leitor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CANTANHÊDE, E. Para torcer e cobrar. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 01 jan. 2003. Disponível em: << <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult681u63.shtml>>>. Acesso em 15 jun.2003.
- CANTANHÊDE, E. Para torcer e cobrar. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 01 jan. 2003. Disponível em: << <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult681u63.shtml>>>. Acesso em 15 jun.2003.
- CRISMORE, A. **Talking with readers: metadiscourse as rethorical act**. New York: Peter Lang, 1989.
- DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M A. **Gêneros Textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FORKTAMP, M. B. M. & TOMICHT, L. M. B. (org.). **Aspectos de linguística aplicada** – estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 21. ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, H. **Language, context and text: aspects of a language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University, 1985.
- HASAN, R. The structure of a text. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, H. **Language, context and text: aspects of a language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University, 1985, p. 52-69.
- MARTIN, J. R.; MATHIESSEN, C. M. I.M.; PAINTER, C. **Working with functional grammar**. London: Edward Arnold, 1997.
- MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. **Parâmetros de textualização**. Santa Maria: UFSM, 1997.

\_\_\_\_. O conhecimento dos gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem, In: FORKTAMP, M. B. M. & TOMICHT, L. M. B. (org.). **Aspectos de lingüística aplicada** – estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn. Florianópolis: Insular, 2000.

RYSTROM, K. **The why, who and how of the editorial page**. 2. ed. Pennsylvania: Strata Publishing Company, 1993.

SWALES, J. M. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, G. & COLLINS, H. Interview with M. A. K. Halliday, Cardiff, July, 1998. **Delta**. São Paulo: EDUC, vol. 17, nº 1, 131-153, 2001.

VANDE KOPPLE, W. J. Some exploratory discourse on metadiscourse. *College Composition and Communication*. Vol. 36, n. 1, fev. 1985, p. 82-93.